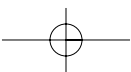
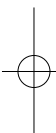


*A Epopeia de
Gilgamesh*



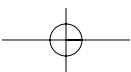
A Epopeia de Gilgamesh

Anônimo



*wmf***martinsfontes**

SÃO PAULO 2011



Sumário

<i>Introdução</i>	000
<i>Agradecimentos</i>	000
 A Epopeia de Gilgamesh.....	000
Prólogo: Gilgamesh, rei de Uruk.....	000
1. A chegada de Enkidu.....	000
2. A jornada na floresta	000
3. Ishtar e Gilgamesh, e a morte de Enkidu	000
4. A busca da vida eterna	000
5. A história do dilúvio.....	000
6. A volta	000
7. A morte de Gilgamesh	000
 <i>Glossário onomástico</i>	000
<i>Apêndice: fontes</i>	000

Introdução

1. A história da Epopeia

A Epopeia de Gilgamesh, o famoso rei de Uruk, na Mesopotâmia, provém de uma era totalmente esquecida até o século passado, quando os arqueólogos começaram a escavar as cidades soterradas do Oriente Médio. Até então, toda a história relativa ao longo período que separa Noé de Abraão estava contida em dois dos livros menos atraentes, por serem de cunho genealógico, do Livro do Gênesis. Destes capítulos, apenas dois nomes são lembrados até hoje no linguajar cotidiano: o do caçador Nimrod e o da torre de Babel. O ciclo de poemas reunidos em torno de Gilgamesh nos leva, contudo, de volta ao meio daquele período.

Estes poemas têm direito a um lugar na literatura mundial, não apenas por precederem às epopeias homéricas em pelo menos mil e quinhentos anos, mas principalmente pela qualidade e originalidade da história que narram. Trata-se de uma mistura de pura aventura, mo-

ralidade e tragédia. Por meio da ação estes poemas nos revelam uma preocupação bastante humana com a mortalidade, a busca do conhecimento e a tentativa de escapar ao destino do homem comum. Os deuses não podem ser trágicos, pois não morrem. Se Gilgamesh não é o primeiro herói humano, é o primeiro herói trágico sobre o qual conhecemos alguma coisa. E aquele com quem mais nos identificamos e que melhor representa o homem em busca da vida e do conhecimento, uma busca que não pode conduzi-lo senão à tragédia. Pode talvez causar alguma surpresa o fato de que algo tão antigo quanto uma história do terceiro milênio a.C. tenha ainda algum poder para comover e continuar atraindo leitores no século XX; isto no entanto acontece. A narrativa está incompleta e pode ser que continue assim; ela é, porém, o mais admirável poema épico que nos chegou de todo o período anterior ao aparecimento da *Ilíada* de Homero; e é também incomparavelmente mais antigo.

Temos boas razões para crer que a maior parte dos poemas de Gilgamesh já haviam sido escritos nos primeiros séculos do segundo milênio a.C. e que provavelmente já existiam numa forma bastante semelhante muitos séculos antes disso, ao passo que o texto definitivo e a edição mais completa da epopeia vêm do século VII, da biblioteca de Assurbanipal, antiqüário e último dos grandes reis do Império Assírio. Assurbanipal foi um grande general, o saqueador do Egito e de Susa; mas foi também

o compilador de uma notável biblioteca, composta por documentos relativos à história contemporânea e por hinos, poemas e textos científicos e religiosos muito mais antigos. Ele nos conta que enviou seus servos aos antigos centros de saber de Babilônia, Uruk e Nippur para que pesquisassem seus arquivos e copiassem e traduzissem para o semítico acadiano da época os textos escritos na antiga língua suméria da Mesopotâmia. Entre esses textos, “Copiados segundo o original e cotejados no palácio de Assurbanipal, Rei do Mundo, Rei da Assíria”, estava o poema que chamamos a Epopeia de Gilgamesh.

Não muito depois de este trabalho de cotejo ter sido concluído, a epopeia virtualmente perdeu-se e o nome do herói foi esquecido, deturpado ou desfigurado até se tornar praticamente irreconhecível – até ser redescoberto no século passado. Esta descoberta deveu-se, em primeiro lugar, à curiosidade de dois ingleses, e depois ao trabalho de muitos estudiosos em diferentes partes do mundo, que juntaram, copiaram e traduziram as tábuas de argila onde o poema foi escrito. Esta é uma obra ainda em andamento, e a cada ano que passa mais lacunas são preenchidas; mas o corpo principal da epopeia assíria não tem sido alterado em seus aspectos essenciais desde a monumental publicação do texto, com transliteração e comentários, por Campbell Thompson, em 1928 e 1930. Mais recentemente, contudo, atingiu-se um novo estágio, e uma nova onda de interes-

se surgiu em torno do trabalho do prof. Samuel Kramer, da Pensilvânia, cujo cotejo e tradução dos textos sumérios levam a história da epopeia de volta ao terceiro milênio a.C. Já é possível agora combinar e comparar um corpo de escritos bem maior e bem mais antigo do que o que tínhamos até então.

2. A descoberta das tábuas

A descoberta das tábuas remonta à era heroica das escavações, em meados do século XIX, quando, embora os métodos não fossem sempre tão escrupulosos nem os objetivos tão estritamente científicos como hoje, as dificuldades e até mesmo os perigos do empreendimento eram bem maiores, e os resultados causavam um impacto capaz de alterar profundamente a perspectiva intelectual da época. Em 1839, um jovem inglês, Austen Henry Layard, partiu com um amigo para uma viagem por terra até o Ceilão; mas ele se deteve por algum tempo na Mesopotâmia para fazer um reconhecimento das colinas assírias. A demora de algumas semanas se estendeu por anos, mas por fim Nínive e Nimrud foram escavadas; e foi de uma dessas escavações que Layard trouxe para o Museu Britânico uma grande parte de sua coleção de esculturas assírias, junto com milhares de tábuas quebradas do palácio de Nínive.

Quando Layard começou a escavar em Nínive, esperava encontrar inscrições; mas a reali-

dade, uma biblioteca soterrada contendo toda uma literatura perdida, superou suas maiores expectativas. Na verdade, a extensão e o valor da descoberta só foram avaliados posteriormente, depois que as tábuas com caracteres em forma de cunha foram decifradas. Como era de esperar, algumas dessas tábuas se perderam; mas mais de vinte e cinco mil tábuas quebradas, uma quantidade enorme, foram levadas para o Museu Britânico. O trabalho de decifração foi iniciado por Henry Rawlinson, na residência oficial do governador-geral em Bagdá, onde Rawlinson ocupava o cargo de agente político. Antes de ir para Bagdá, Rawlinson, então um oficial do exército a serviço da Companhia das Índias Orientais, havia descoberto aquilo que acabaria se revelando a principal chave para a decifração do cuneiforme: uma grande inscrição, a “Inscrição de Dario”, encontrada na rocha de Behistun, perto de Kermanshah, na Pérsia, escrita em caracteres cuneiformes em três línguas – o persa, o babilônico e o elamita arcaicos. O trabalho iniciado por Rawlinson em Bagdá prosseguiu no Museu Britânico quando o orientalista retornou à Inglaterra em 1855. Logo após seu retorno, começou a publicar *Cuneiform Inscriptions of Western Asia*. Em 1866, George Smith juntou-se a Rawlinson como assistente no trabalho de decifração das tábuas.

Nesse meio-tempo, Rassam, o colaborador e sucessor de Layard em Nínive, havia escavado em 1853 a parte da biblioteca em que estavam

as tábuas com o cotejo assírio da Epopeia de Gilgamesh. A importância da descoberta só foi percebida vinte anos mais tarde, quando, em dezembro de 1872, num encontro da recém-fundada Sociedade de Arqueologia Bíblica, George Smith anunciou: “Pouco tempo atrás, descobri entre as tábuas assírias no Museu Britânico um relato do dilúvio.” Era a décima primeira tábua da recensão assíria da Epopeia de Gilgamesh. Logo depois desta revelação, Smith publicou *Chaldean Account of the Deluge*, contendo um resumo da narrativa de Gilgamesh. O interesse foi imediato e geral; mas a própria tábua do Dilúvio estava incompleta, e isto fez com que se iniciasse uma nova busca para trazer de volta mais tábuas. O *Daily Telegraph* contribuiu com mil guinéus para que fossem feitas mais escavações em Nínive. George Smith comandaria o trabalho em nome do Museu Britânico. Pouco depois de sua chegada a Nínive, Smith encontrou as linhas que faltavam da descrição do dilúvio. Este material era na época, e ainda é, a parte mais completa e bem preservada de toda a epopeia. Muitas outras tábuas foram achadas naquele ano e no ano seguinte, e Smith pôde reconstituir a maior parte da versão assíria antes de sucumbir, em 1876, à doença e à fome, vindo a falecer perto de Alepo aos trinta e seis anos; mas já desbravara todo um novo território na área dos estudos bíblicos e da história antiga.

Ao publicar o “Dilúvio” assírio, Smith afirmou tratar-se evidentemente de uma cópia de uma

versão muito mais antiga feita em Uruk, a Erech da Bíblia, conhecida hoje como Warka. Alguns anos antes, entre 1849 e 1852, W. K. Loftus, membro da Comissão de Fronteira Turco-Persa, passara duas curtas temporadas escavando em Warka, onde encontrou curiosos restos, inclusive tábuas e o que hoje sabemos ser paredes de mosaico do terceiro milênio. Mas Warka teve de esperar até os anos vinte e trinta deste século para vir a receber mais atenção; foi quando os alemães empreenderam grandes escavações que revelaram uma longa série de construções, bem como tábuas e esculturas. Graças a esse trabalho, sabe-se muito hoje em dia a respeito da antiga Uruk, de seus templos e da vida de seus habitantes.

Ainda mais importantes para a história da Epopeia de Gilgamesh foram as atividades de uma expedição americana da Universidade da Pensilvânia, comandada por John Punnet Peters, que ao final do século XIX começou a trabalhar no monte de Niffer, a antiga Nippur, no sul do Iraque. Já se tinha nessa época bem mais experiência com os problemas que envolviam a escavação de cidades antigas; mas ainda assim os riscos eram enormes. O primeiro período em Nippur, 1888-89, começou alegremente com a chegada de Peters e seu grupo ao sítio de escavação, depois de um galope desenfreado através dos bambuzais em cima de fogosos garanhões; mas sua última visão do monte ao final da temporada foi a de árabes